

Setor químico aumenta juros para vendas a prazo, diz Szajmam

por Luis Leonel
de São Paulo

As primeiras reações à anunciada intenção do governo de fazer um acordo informal com empresários para evitar uma disparada de preços, que acabaria em hiperinflação, já se fazem sentir. O presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Abraam Szajman, reclamou ontem que os fabricantes de insumos químicos aumentaram os juros para vendas de trinta dias, de 46 para 55%.

O aumento, segundo Szajman, foi definido ontem mesmo, menos de 24 horas após os empresários terem-se sentado com os ministros da área econômica do presidente José Sarney para discutir estratégias de livrar o mercado da psicose da hiperinflação.

"Eles saem da reunião da segunda-feira falando uma coisa e na terça dão essa puxada nos juros", disse o presidente da federação. De acordo com ele, a indústria de transformação, um elo à frente dos fabricantes de insumos químicos no processo produtivo, não terá alternativa a não ser repassar esses aumentos para os seus preços. O mesmo deve acontecer no elo seguinte, até chegar ao consumidor final. "Depois todos põem a culpa no comércio", reclamou Szajman.

Os usuários de insumos químicos formam um grande elenco de empresas, desde a área têxtil, passando pela indústria de remédios e fertilizantes e chegando aos fabricantes de pneus. Segundo Szajman, "todos os fabricantes de insumos químicos deram essa puxada dos juros. Pode pegar todas as multinacionais que atuam no setor, as francesas, as alemãs e mesmo as brasileiras, para comprovar".

A Rhodia, subsidiária da francesa Rhône-Poulenc, uma das principais produtoras de produtos químicos no Brasil, procurada por este jornal, limitou-se a divulgar um comunicado oficial. "A Rhodia pratica as taxas do mercado. Não participamos de nenhum grupo que tenha fechado qualquer acordo com o governo. Soubemos do que estava acontecendo através dos jornais", informou a empresa.

Para o ex-presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), Aldo Lorenzetti — um dos participantes da reunião de anteontem com o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, o culpado por distorções desse tipo é o próprio governo, que está elevando as taxas de juro reais que paga ao mercado, obrigando a indústria a colocar suas vendas a prazo nos mesmos patamares.

Isso foi discutido na reunião de anteontem, disse Lorenzetti. Uma solução aventada, de acordo com ele, seria se estabelecer o prazo na fatura com uma cláusula para corrigir o valor a prazo pelo BTN fiscal, a posteriori. Isso evitaria que os empresários puxassem, cada vez mais para o alto, suas taxas, com medo de ser surpreendidos por uma disparada inflacionária.

O assessor da indústria alimentícia, José Milton Dallari, ex-titular da Secretaria Especial de Abastecimento e Preços (SEAP) na época do ministro Antônio Delfim Netto, diz que "os juros de 55% não estão fora do mercado". A seu ver, a indústria química pode estar apenas repassando as condições que recebe dos seus fornecedores, como a Petrobrás, por exemplo, que lhe fornece a nafta petroquímica.